

A PERCEPÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO DISTRITO FEDERAL SOBRE OS CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Adriana Silva Alves¹
Ana Tereza Reis da Silva²

RESUMO

O objetivo deste artigo é divulgar os resultados da pesquisa desenvolvida entre 2011 e 2012, que trata da percepção de catadores/as de materiais recicláveis do Distrito Federal acerca da formação profissional direcionada à categoria. O interesse pelo tema surge por meio do contato com o projeto de extensão universitária Incubadora de Redes de Economia Solidária e foi aprofundado no âmbito do Programa de Iniciação Científica- PROIC da Universidade de Brasília. Trata-se de uma investigação de cunho exploratório que utiliza técnicas mistas de metodologia e análise do conteúdo, lançando mão da narrativa de experiências vividas como conteúdo de significativa relevância, que permite dar visibilidade às percepções e às expectativas dos catadores/as sobre cursos de formação profissional a eles direcionados. Os resultados apresentados enfatizam e problematizam questões como identidade, formação profissional, motivação e avaliação.

Palavras-chave: Catadores. Percepção. Formação profissional.

ABSTRACT

The aim of this paper is to disseminate the results of research dealing with the perception of gatherers recyclables Federal District concerning vocational training targeted to the category. The research was conducted between 2011 and 2012 and is part of the Undergraduate Research Program-PROIC the University of Brasilia, in partnership with the National Council for Scientific and Technological Development-CNPq. This is an exploratory research using mixed techniques and methodology of content analysis, making use of experience of the narrative content of significant importance as it allows visibility to the perceptions and expectations of scavengers / about the vocational courses directed to them. The results presented are related to themes such as identity, training, motivation, evaluation and mapping of entities fueling training for pickers / the FD.

Keywords: Collectors. Perception. Training.

¹Pedagoga pela UnB e mestranda da Universidade de Brasília, dria.pedagogia@gmail.com, adrianaalves.educar@gmail.com

²Professora, doutora, Adjunto do Departamento de Teoria e Fundamento (TEF) da Faculdade de Educação - FE /UnB e orientadora da pesquisa relatada, tapajuara@gmail.com

1 Considerações Iniciais

Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.
(Paulo Freire)

Nos últimos anos os catadores e as catadoras conquistaram um espaço cada vez maior e ganharam visibilidade na sociedade, na mídia, nas empresas, no governo, dentre outros espaços. Também é possível notar certos avanços políticos no que compete à organização desses grupos em cooperativas e associações, que por meio de práticas de Economia Popular Solidária, vêm conquistando políticas públicas e exercendo influências acerca de questões ambientais, sociais e culturais. Também chama atenção o crescente número de cursos de capacitação oferecidos para esse público nos últimos anos, no âmbito técnico generalista. Hoje, no Distrito Federal-DF, há um contingente significativo de entidades (fundações, governos, universidade, ONGs), entre outros, que se ocupam de diminuir o déficit de conhecimentos básicos e específicos para a área de coleta e classificação de resíduos, por meio da oferta de cursos de curta e média duração.

O problema que apontamos nesta investigação são as implicações de cursos de formação profissional voltadas aos catadores/as de materiais recicláveis, os quais atuam em ambiente hostil e excludente. Outros aspectos que despertam interesse à análise dizem respeito às particularidades que compõem o universo de grupos autogestionários. Sabe-se que esse contexto comporta uma série de especificações as quais, somadas à orientação do Sistema Cooperativista Brasileiro, exigem um conjunto de conhecimentos que vão desde o saber-fazer básico à organização e estruturação dos empreendimentos³ (divisão do trabalho, regras, estrutura regimental e outros).

Objetiva-se analisar a percepção dos/as catadores/as de materiais recicláveis sobre os cursos de formação profissional ministrados, a fim de dar voz aos sujeitos para os quais as ações educativas são direcionadas. Com efeito, por intermédio das falas dos/as catadores/as são avaliadas as implicações de cursos oferecidos no DF, entre 2011 e 2012, utilizando-se, para tanto, técnicas de análise do conteúdo e análise de discurso. Analisaremos também os aspectos subjetivos relacionados às condições de trabalho e à identidade dos/as catadores/as.

2 O contexto da pesquisa no biênio 2011-2012

O envolvimento com a temática surgiu da participação da pesquisadora/autora com o projeto IRES-DF “Redes de Economia Solidária do Distrito Federal”, que desde 2010 se propõe a formar novas lideranças nos empreendimentos, aperfeiçoar a gestão e aproximar jovens das cooperativas e associações com jovens da universidade. O projeto é uma parceria entre a Ecoideia (Cooperativa de Serviços Ambientais), a Central de Cooperativas de Catadores do Distrito Federal e Entorno-CENTCOOP, a Incubadora Social e Solidária da UnB, e a Fundação Banco do Brasil. Desde o seu início, o IRES foi desenvolvido como projeto de extensão universitária vinculado ao Decanato de Extensão (DEXUnB) pelo seu caráter de promoção social e diálogo de saberes. Com base nas demandas e conflitos relacionados ao tema formação profissional de catadores, uma série de provocações deu início ao projeto de pesquisa relatado, realizado pelo Programa de Iniciação Científica- PROIC durante o biênio 2011/2012.

3 Marco teórico

3.1 Os catadores/as no Brasil e no Distrito Federal

Catadores/as são mulheres e homens de diversas idades que obtêm renda mediante o recolhimento, seleção e comercialização de materiais reaproveitáveis. Muitos desses trabalhadores são levados a exercer essa atividade por situação de desemprego e exclusão social, problemas de saúde como diabetes, dependência química, distúrbios psicológicos e físicos, que dificultam o cumprimento pontual de funções, mas não impede o exercício da tarefa de catar. Outros vivem em situação de rua e têm a catação como principal fonte de renda, e há, também, pessoas empregadas ou aposentadas que catam para complementar a renda familiar.

Em 2002, com o código 5.192 da CBO (Classificação Brasileira de Ocupação), a Ocupação Catador de Materiais Recicláveis foi reconhecida no Brasil e, segundo o documento, essa ocupação não necessita de escolaridade, formação profissional ou experiência anterior. Porém, observa-se que ao atuarem por meio de cooperativas ou associações os catadores/as se encarregam de diversas tarefas

³Este termo é longamente usado nas bibliografias consultadas, principalmente nos documentos secundários. Mesmo sendo um termo oriundo do mercado capitalista, nos documentos analisados é geralmente usado para designar o conjunto de grupos participantes da economia solidária

que demandam uma série de conhecimentos. No Brasil, estima-se que cerca de 500 a 800 mil pessoas sobrevivem da catação e que os catadores/as são responsáveis por 90% da matéria-prima que abastece a indústria recicladora⁴. Apesar do importante trabalho que desenvolvem, o/as catadores/as exercem sua ocupação com um mínimo ou nenhum apoio e infraestrutura. Muitos trabalham e moram em lixões e são alvos da exploração dos intermediários.

São escassos os dados referentes ao processamento de resíduos sólidos e ao quantitativo de catadores no Distrito Federal. Mas, segundo a análise do projeto da Fundação Banco do Brasil-FBB⁵ são coletadas diariamente 2,5 mil toneladas de resíduos residenciais e comerciais, dos quais 70% são recicláveis e, desse montante, sete mil toneladas/dia são da construção civil. Para se ter noção do tamanho desse universo, o número estimado no DF gira em torno de 3.500 catadores/as e, indiretamente, são cerca de 10 mil trabalhadores envolvidos na cadeia da reciclagem. Sabe-se que hoje o DF conta com 26 cooperativas e associações relacionadas e destas, 23 fazem parte da Central de Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do DF (CENTCOOP/DF).

4 Aspectos Metodológicos

Os instrumentos de coleta de dados, assim como sua aplicação, foram construídos levando-se em consideração os pressupostos da entrevista semiestruturada. Para buscar atender as particularidades de cada grupo, construímos dois tipos de entrevistas: a primeira estrutura atende a catadores/as e presidentes/tas das organizações, e comporta quatro blocos temáticos. Cada bloco contém variáveis que buscam evidenciar a percepção dos sujeitos em relação à Identidade Profissional (como se percebem), Formação profissional (suas experiências e suas expectativas), Motivação (o que os motivam a fazer os cursos) e Avaliação (suas opiniões e sugestões).

A segunda estrutura constitui uma entrevista aberta, aplicada aos técnicos, com o objetivo de promover a discussão sobre o tema investigado, e de coletar informações e percepções dos profissionais que trabalham, direta ou indiretamente com a formação.

O resultado dessa análise acompanha a visão dos demais entrevistados de forma complementar.

Foram entrevistados 41 (quarenta e um) catadores/as, 06 (seis) presidentes/tas, 03 (três) profissionais, totalizando 50 entrevistas gravadas em formato de áudio, e transcritas. Os dados foram tabulados e organizados a partir de técnicas da metodologia de análise de conteúdo, tendo como foco a fala dos catadores/as exatamente como manifestam sua intencionalidade imediata, no momento da entrevista. Essa proposta busca analisar a frequência de determinados elementos, ou determinados conceitos, que aparecem de forma explícita nos discursos. Segundo Laurence Bardin (1986 p. 32):

Pertence al campo del análisis de contenido toda iniciativa que, partiendo de un conjunto de técnicas parciales pero complementarias, consista en explicitar y sistematizar el contenido de los mensajes y la expresión de esse. Contenido con ayuda de indicios cuantificables o no. (1986 p. 32)

Dentre as técnicas presentes nessa metodologia, o trabalho prioriza a classificação das unidades de significação, criando categorias ou conjunto de variáveis para canalizar o resultado de cada pergunta. Ou seja, dentro do universo das falas foram associados conjuntos de respostas, organizadas por grupos semânticos e de significação. Dessa forma, buscou-se possibilitar maior aproximação entre as percepções dos catadores/as com os temas propostos a partir de categorias manifestadas nas falas e não previamente determinadas.

4.1 Caracterização do grupo entrevistado

Os grupos que participaram da pesquisa foram da: CENTCOOP, com sede em Brasília; as cooperativas APCORC e Recicle a Vida, ambos localizadas na cidade de Ceilândia, a Acobraz localizada na cidade de Brazlândia e a cooperativa Reciclo, na cidade de Riacho Fundo II –DF.

De acordo com a tabulação dos dados coletados, chegou-se à seguinte composição do grupo de entrevistados: em relação ao sexo o grupo é composto por 68% de mulheres e 32% de

⁴Segundo dados do Compromisso Empresarial para a Reciclagem – SEMPRES, citado em “Geração de trabalho e renda, gestão democrática e sustentabilidade nos empreendimentos econômicos e solidários/Organizadores” p. 113

⁵Intitulado “Fortalecimento do associativismo e do cooperativismo dos catadores e catadoras de materiais recicláveis: formação para a autogestão e assistência técnica aos empreendimentos solidários do DF

⁶Algumas variáveis não foram aplicadas aos catadores/as que podem ter omitido dados relevantes em função das condições adversas. Algumas entrevistas precisaram ser desenvolvidas no momento de trabalho de alguns entrevistados. Nesse contexto demonstravam pressa em finalizar a entrevista, pois não podiam interromper o trabalho por muito tempo

homens, de um total de 47 entrevistados⁶. Esses catadores/as assumem os mais distintos postos nos empreendimentos, desde coleta do material na rua, até cargo de diretoria/presidência, compondo a parte administrativa da organização. Do total dos entrevistados, 17 são jovens entre 18 e 29 anos; 16 são adultos com idades entre 30 e 45 anos e 14 são adultos com idades que variam de 45 a 65 anos; sendo que 46,8% dos entrevistados vieram da região nordeste, 2% do Sudeste e 48,9% do Centro-Oeste, principalmente dos estados de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. O tempo de ocupação como catadores/as está distribuído da seguinte forma: 0 a 5 anos (17%); 5 a 10 anos (34%); 10 a 15 anos (12,7%); mais de 15 anos (2%) e mais de 20 (4%). Alguns desses trabalhadores/as tiveram outras experiências profissionais: os catadores tiveram experiências de serralheiro, vendedor, mecânico e pedreiro, e as catadoras desenvolveram atividades de artesã, empregada doméstica, gari e camareira. Os demais entrevistados não tiveram outra experiência profissional ou não relataram.

Em relação aos profissionais, entrevistamos dois homens e uma mulher, sendo dois pedagogos e um engenheiro agrônomo. Todos eles possuem formação em Economia Solidária e ocupam hoje

cargos na área de formação e assessoria técnica de empreendimentos solidários.

5 Apresentação e Análise dos Dados

Com o intuito de tornar mais clara a relação sujeito/discurso, apresentaremos os depoimentos classificados em três grupos: 1- Entrevistado Catador/a que será apresentado com a sigla **EC**, 2- Entrevistado Presidente/ta representado pela sigla **EP** e 3- Entrevistado profissionais/técnicos representado por **ET**. Os resultados serão expostos e discutidos acompanhados por alguns desses relatos para melhor exemplificar os grupos de respostas.

5.1 Identidade

Nas questões “Qual é a sua ocupação hoje?” e “O que é ser catador⁷ para você?” buscou-se identificar como eles se autodefinem e que percepção têm sobre o trabalho deles. O gráfico dessa variável reúne todas as autodenominações apresentadas pelos catadores/as durante a entrevista (Fig. 01).

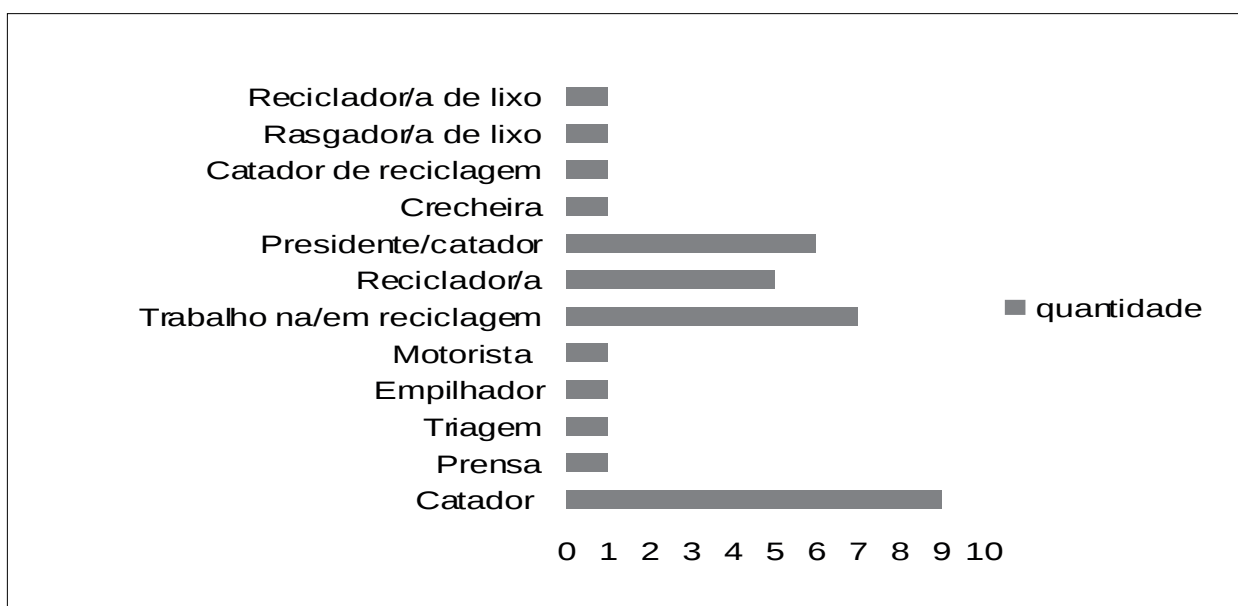


Figura 01- Denominações da ocupação catador

⁷Esse termo mudava conforme a resposta dada pelo entrevistado, por exemplo: “O que é ser triador para você?”

Conforme o gráfico anterior, foram identificados oito postos de trabalho nos empreendimentos o que nos mostra a diversidade de funções. Sobre como denominam/classificam a sua ocupação (catador/a) foram identificados seis formas distintas (quais) de se referirem à atividade. Isso evidencia que nem todos possuem familiaridade com o termo (já classificada e reconhecida pela CBO), ou, talvez tenham dificuldade de assumir e aceitar

a ocupação. Alguns dizem que “trabalham na/em reciclagem” ou usam a palavra “reciclador” em vez de catador, talvez como forma de associar o trabalho a um termo mais valorizado socialmente.

Na segunda parte desse bloco, perguntamos “O que é ser catador para você?” Organizamos as resposta nos seguintes grupos, como mostra o gráfico da Figura 2:

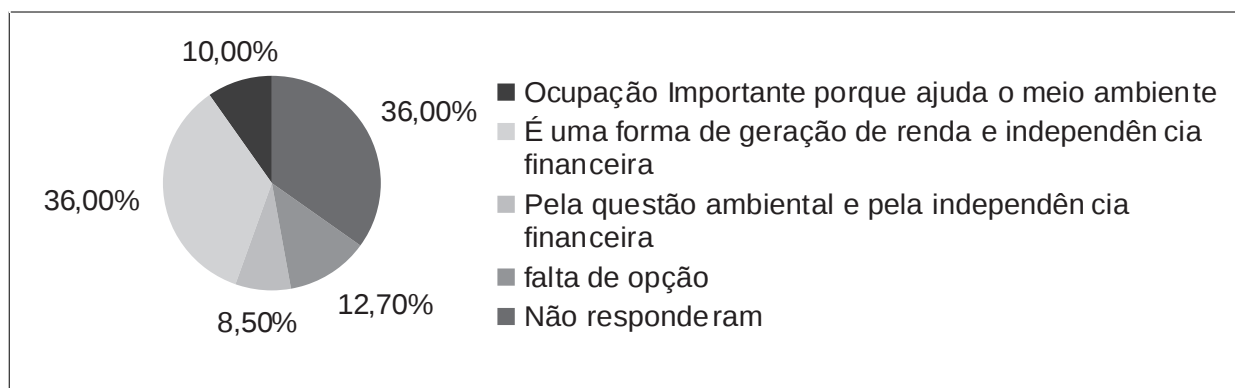


Figura 02

O grupo de respostas que prevalece sobre as demais, possui um discurso fundamentado em razões econômicas. As definições relacionadas à necessidade de geração de renda e de aquisição da independência econômica pela ocupação de catador/a podem ser percebidas nas falas a seguir:

EC. 22: “Oh filha, eu gosto, não é assim que a gente trabalha em tudo porque gosta, porque precisa né, eu sinto feliz que estou ganhando o meu dinheiro honesto.”

EP. 02: “Ser catador para mim hoje é ser independente, saber que você pode, saber que você é capaz, saber que você não depende de ninguém, basta você querer entendeu! Basta você querer, ser catador é isso é ter autonomia, é ter direito é você ser livre, é você ser independente, ter seu próprio negócio”.

Nas falas pertencentes aos grupos dois e três, percebemos um apelo à questão ambiental e uma preocupação com o meio ambiente:

EC. 18 “é muito importante porque estamos mantendo o meio ambiente limpo” Ou

EP. 04 “É um pouco difícil dizer o que é ser catador.

Catador é o seguinte: é uma necessidade em termos de financeira, e em propósito do meio ambiente e da preservação”.

Esses discursos podem ser compreendidos melhor ao analisarmos o número crescente de discussões promovidas pela mídia sobre o tema. Referindo-se sobre esse comportamento Kemp e Crivellari (2008, p.75) dizem que “tal mudança pode ser explicada inicialmente pela importância que a questão ambiental passou a ter a partir dos anos 1980, sobretudo do início deste século”.

Grupos e instituições nacionais e internacionais passaram a abordar a temática ambiental como o grande desafio a ser enfrentado e apontam a necessidade de mudança de paradigma sobre o desenvolvimento mundial no enfrentamento dessas questões: “Novos hábitos de vida e de consumo são desenvolvidos na população que, pouco a pouco, vai integrando em seu cotidiano a preocupação com a preservação do planeta” (KEMP, CRIVELLARI, 2008, p.75). Esse discurso passa a ser incorporado pelos catadores mais como estratégia de valorização do próprio trabalho.

O quarto grupo de respostas, que representa 12,7% evidencia a falta de oportunidade de inserção no mercado laboral, levando alguns a recorrerem

à classificação de materiais como única opção de renda, conforme afirmação de , E.P 01 “É a única coisa que sobra para você é o material reciclável que está no lixo, então sobra para você a possibilidade de recolher os materiais recicláveis que estão no lixo”, e E.C21 “É bom. Só sei fazer isso mesmo”.

5.2 Formação e Qualificação Profissional

Nesse estágio da entrevista, buscou-se um panorama sobre: a formação profissional que os entrevistados/as já possuíam, com a identificação dos cursos feitos, os cursos aos quais gostariam de ter acesso, bem como opiniões sobre a necessidade de qualificação técnica. Em resposta à pergunta “Você já participou de alguma formação profissional?”, 59% disseram não e 38% disseram sim, citando entre os cursos: artesanato, corte e costura, elaboração de projeto e gestão de cooperativas⁸.

Cabe observar, que cerca de 60% dos entrevistados nunca participaram de algum tipo de formação para o mundo do trabalho o que representa um número significativo nessa amostra. Isso pode ser explicado por diversos fatores como o acesso à formação básica e continuada, a não participação no mercado formal de trabalho entre outros tantos fatores que fazem parte da trajetória desses sujeitos. Mas, para além do que já é conhecido, há outros pontos que merecem atenção e que se tornaram evidentes na investigação como a questão da rotatividade nos empreendimentos: “É um grande desafio a formação dos catadores pelo fato de que os catadores por si já construíram uma forma de vida que não tem lugar, não tem ponto de trabalho, então, eles criaram uma situação nômade, na relação com o trabalho, na relação com a família, de morar na rua, então, tudo isso dificulta o processo de formação” E.P 40.

Por outro lado, dos 36,4% dos catadores/as que já fizeram algum tipo de curso, percebe-se que os cursos se dividem em duas categorias. Na primeira 44,4% participaram de alguma formação do tipo básica, voltada principalmente para a seleção do material ou cursos de curta duração; enquanto que 56,6% desse total participaram de cursos mais amplos e profundos que englobam conhecimentos na área administrativa. Um elemento que merece destaque é que na última categoria observamos a participação significativa de presidentes, pois 98% deles disseram ter alguma formação nessa área. A problematização desse dado está na divisão do conhecimento como fator de perpetuação de determinadas posições e cargos, como aponta a fala a seguir:

ET. 52: “Querendo ou não a maioria trabalha em organizações coletivas, com foco no trabalho gestor, e muitos desses empreendimentos normalmente têm alguma pessoa que conhece mais de cooperativa e acaba meio que centralizando os trabalhos, que não é porque queira centralizar, mas é porque muitos dos catadores que formam a base das cooperativas não têm realmente conhecimento ao ponto de chegar e conseguir assumir uma determinada área que dá mais estabilidade.”

Apontamos esse como o segundo grande desafio. É necessário compreender em que relações de poder isso pode se traduzir dentro desse contexto. Nota-se certa hierarquia em relações do tipo Empregado versus Patrão que existem nos empreendimentos econômico-solidários, e que se desenvolvem, principalmente, pela reprodução do modelo capitalista em que estamos imersos. É um grande desafio superar o conflito gerado pela sobreposição de poder, especialmente, no que se refere à construção de relações de trabalho horizontais no âmbito da Economia Solidária.

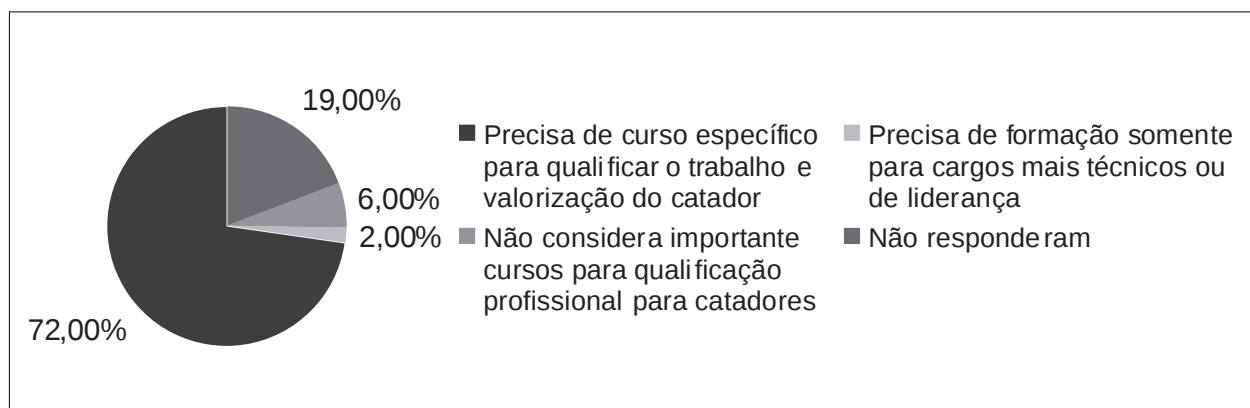


Figura 03

⁸Esses cursos guardam relação com os objetivos dos projetos realizados no DF nos últimos anos

As demais variáveis interrogam sobre a necessidade ou não deles se qualificarem profissionalmente para o desenvolvimento do trabalho de catador, e sobre quais cursos são importantes para a qualificação e/ou profissionalização. Encontramos as seguintes respostas à pergunta “Você considera importante ter curso de formação profissional para

quem trabalha no mundo da reciclagem? Por quê?”

Os cursos citados tanto por catadores quanto pelos presidentes como complemento à pergunta foi: associativismo e cooperativismo, noções de administração e formação básica⁹. E na pergunta “Que tipo de curso você gostaria de fazer?” temos as seguintes respostas (Fig. 4):

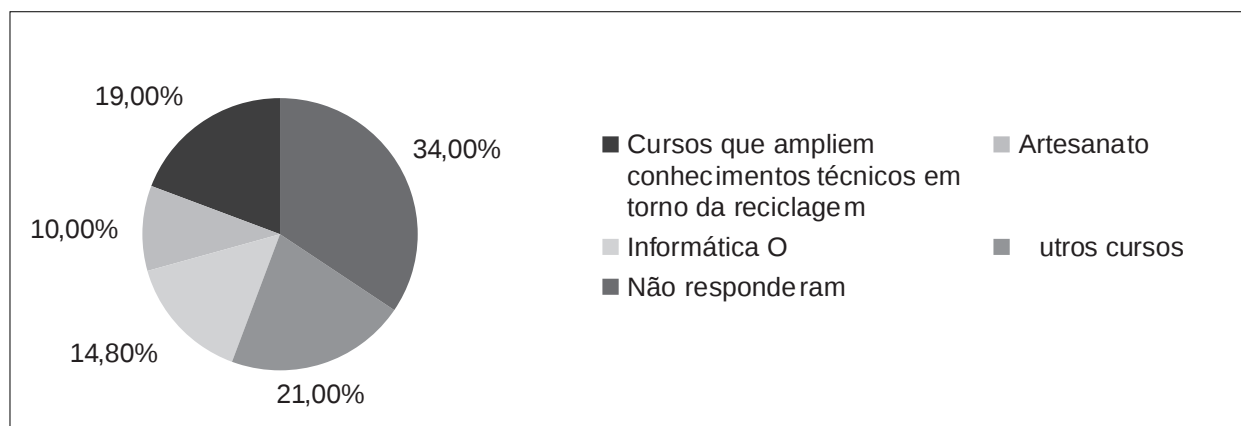


Figura 04

A partir desses quadros (Fig. 3 e Fig.4) podemos destacar dois pontos importantes. Primeiro, ao serem interrogados sobre a importância de qualificação do trabalho de catador, 72% consideram importante ter algum tipo de formação e isso aponta que a grande maioria possui interesse em ampliar os seus conhecimentos. Ao serem questionados sobre o porquê consideram importante a formação, alguns disseram que: “Precisa, porque tem muito material, e quem não sabe acaba mistura, ai tem decantar no material, acho que precisa mais uma qualificação para o pessoal que trabalha. Área administrativa, a mexer com dinheiro essas coisas” EC. 4. Um dos entrevistados afirmou que “seria bom ser formado” EC. 46. O entrevistado/a EC. 34 se manifestou dizendo: “Acho que é importante, porque a gente vai ter mais valor pro serviço da gente”.

O segundo ponto refere-se ao cruzamento dos dados. Ao compararmos as respostas dos presidentes e técnicos, observamos que ambos apontaram para a necessidade de qualificar o trabalho através de cursos de cooperativismo e noções de administração; enquanto que, para o grupo de catadores as respostas são distintas e, em sua maioria, voltadas as questões mais práticas, como o manejo dos materiais e reaproveitamento o artesanato.

Vejamos nas falas a seguir os cursos que alguns entrevistados/as consideram importantes para

qualificar a ocupação de catador. Um dos presidentes entrevistado afirmou:

EP. 02: “Curso é para melhorar a nossa fonte de trabalho, para qualificar. Eu acho que é administração, porque quanto mais você aprende, mais você quer, e enquanto você não coloca em prática você não sabe nada. Tem os cursos de contador, por mais básico que seja a gente precisa fazer, tá sempre atualizando, para poder ter o negócio bem ativo. O outro é sobre projeto, é sempre bom você estar aprendendo, nem um cursos é igual ao outro, cada cursos que eu fiz eu aprendi mais e me capacitei mais”.

Enquanto da parte dos/as catadores/as temos as seguintes respostas:

EC. 18: “Tem né, porque tem muito material novo, tem material que a gente não conhece, principalmente eu que sou novata” Ou

EC”. 49: “Sim, com certeza. Qualquer tipo de curso que venha a beneficiar para gente será muito bem vindo, não só trabalhar com o papel, mas sobre o papel, fazendo um artesanato, qualquer outro tipo de coisa que gera renda.”

Para o/a profissional entrevistado/a o importante é

⁹Entendendo formação básica como a formação inicial

ET. 52: “Área administrativa, área financeira, comunicação, tem uma demanda muito grande a área de comunicação interna dos empreendimentos que aí tem uma relação com a questão da transparência que muitos catadores, assim a base dos catadores, reclamam que os presidentes roubam - presidente não faz aquilo”

Nesse conjunto de depoimentos, fica explícito que cada grupo responde conforme seu universo (o presidente transita entre o prático e o abstrato no cotidiano administrativo do empreendimento, já o catador, muitas vezes, permanece na esfera prática, quase que exclusivamente na manipulação do material, e o técnico tem como objeto de trabalho o aperfeiçoamento da prática. Ou seja, podemos dizer que cada grupo de entrevistados responde segundo suas experiências e vivências de formação.

A análise desses três quadros, leva-nos a refletir sobre a dimensão da formação e os conflitos existentes no âmbito dos empreendimentos. Podemos dizer que

o que vem se desenvolvendo nesse campo é resultante de dois processos: o primeiro é uma reflexão da baixa oferta de formação que existe voltada a esse público, acarretando a formação de poucos e contribuindo para a manutenção da forma piramidal de poder. Segundo, há uma divisão clara entre o tipo de conhecimento que chega e a quem chega, ou seja, dentro da concepção “qualificar para o trabalho” está implícita a ideia de formação diferenciada para quem “pensa” em relação à formação oferecida para “quem” faz.

5.3 Aspectos Motivacionais

Nas variáveis sobre os aspectos motivacionais buscamos saber quais são os elementos que motivam os entrevistados/as a participarem de uma capacitação ou curso e que tipo de mudança a formação profissional pode possibilitar no que tange à vida pessoal e social. Perguntamos “O que te atrai em um curso de formação profissional?”, dos 34% que responderam obtivemos a seguinte classificação (Fig. 5):

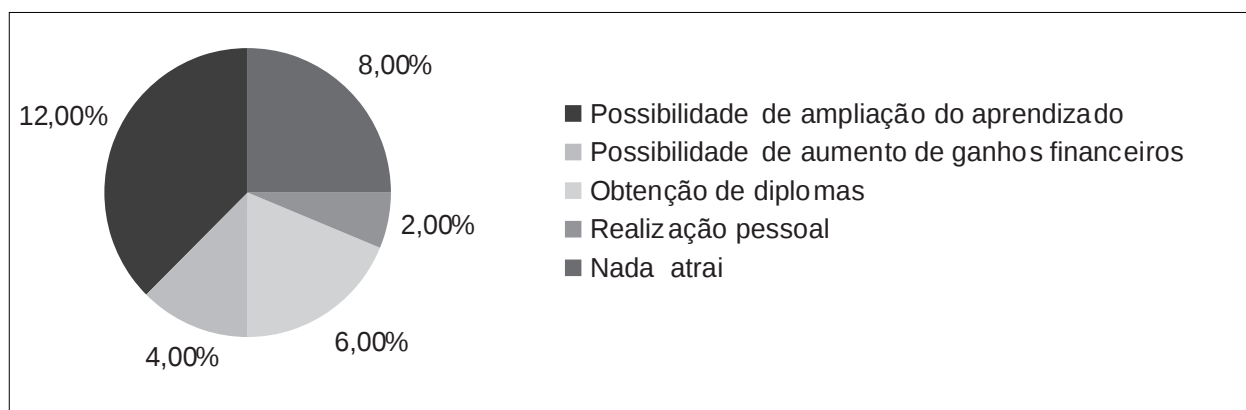


Figura 05

Buscando aprofundar esse tema perguntamos: “Ter formação profissional modificou/modificaria algo na sua vida pessoal e social? E na sua vida profissional, o que mudou/mudaria¹⁰?”. Dos 32% que responderam, obtivemos a seguinte classificação (Fig. 6):

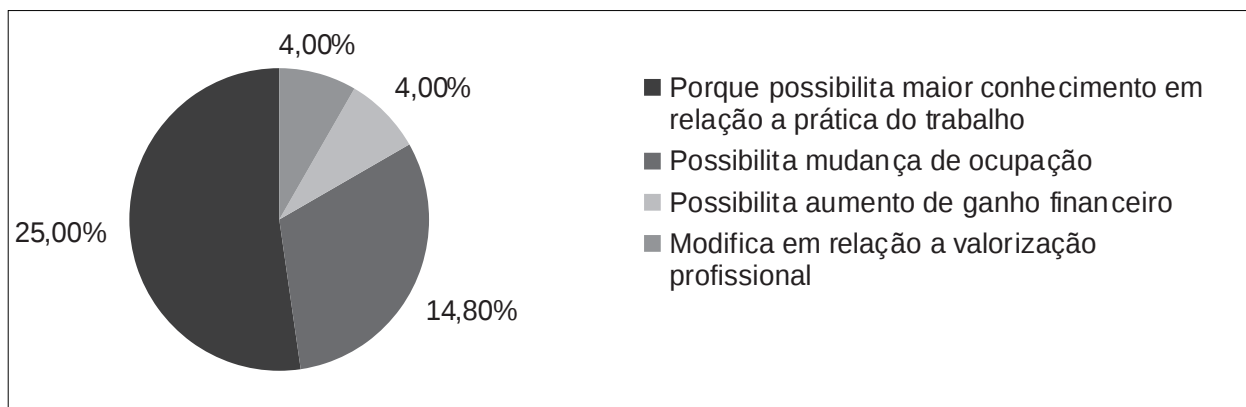


Figura 06

¹⁰O emprego dessa palavra modificava conforme o entrevistado respondia se já participou ou não de algum curso

Percebem-se traços comuns entre ambas as figuras quadros (fig. 5 e fig. 6) mas, em particular, chamam atenção os elementos presentes na segunda. Observa-se que o conjunto de respostas se divide em dois grandes grupos. Os grupos um, três e quatro representam 33% do total formando o primeiro grande grupo. Cabe observar que esse conjunto de respostas aponta para uma motivação em participar relacionada a possíveis mudanças na vida pessoal e profissional, resultando em maior conhecimento sobre o trabalho que exercem. Isto que demonstra vontade pessoal de aprimorar o que já fazem e de avançar no que corresponde a ganhos financeiros e valorização da profissão.

Por outro lado, aparece o grupo que não se vê atraído pela formação e/ou os que acreditam que poderiam mudar de ocupação mediante a oportunidade de se capacitarem, o que demonstra que não estão dispostos a continuar na ocupação de catador:

EC. 35. “Acho que daria mais estabilidade, teria mais possibilidade de estar buscando algo melhor para mim, para minha família.”

Essa questão também é mencionado/a por um/a profissional:

ET. 53: “E também tem aquele outro lado né, até que ponto o catador quando for se capacitando, se orientando e tendo condições de realmente crescer na vida, até quando ela vai ser catador? É uma questão que a gente põe a prova e que a gente corre o risco de realmente, com essas capacitações, o catador deixar de realmente ser catador e conseguir de repente um emprego formal.

Pode-se inferir que, mediante a situação em que se encontram os catadores/as, a formação básica e profissional pode ser o ponto de partida para conquistarem melhores condições de trabalho e melhores salários, mas cabe perguntar quais são os objetivos da formação para catadores? A princípio, os objetivos expostos nos projetos pedagógicos dos cursos analisados têm como principal meta qualificar para melhorar o desempenho desses atores sociais no em seus empreendimentos. Significa dizer que é necessário ampliar e qualificar a prática do trabalho, investindo em tecnologias e superando conflitos existentes.

5.4 Avaliação dos cursos de formação

Nesta etapa, perguntamos ao entrevistados como avaliam os cursos de que participaram e o que sugerem como melhoria. Como resultado, todos os 18 sujeitos avaliam os cursos positivamente. São vários os relatos que demonstram que gostaram e que puderam ampliar seus conhecimentos, fazer novas amizades e conhecer coisas novas. Poucos foram os que além de avaliar sugeriram ou criticaram algo, por exemplo, reproduzimos a seguinte fala: EC. 35-“Foi interessante o curso que eu fiz. Já tem um tempo, mas pena que aqui não foi colocado em prática o que eu aprendi lá. Até porque aqui já tem um modo, um como esta sendo trabalhado na tesouraria. Uma pena.” Essa fala evidencia que a adesão ao processo educativo deve vir acompanhada por uma série de transformações que permitam que a formação não fique limitada a pura teoria. Mas, ao contrário, que seja efetiva, pois não basta ensinar sobre o funcionamento de máquinas de processamento do ET, quando a grande maioria não possui escolarização; tampouco vale a pena pregar princípios de gestão compartilhada e de autogestão em meio a um contexto desigual.

Nesse sentido, outra fala que vale ser mencionada é “Como faz muito tempo eu faria um novo”-EC.38, o que aponta para a necessidade de formação continuada. Vimos que, em sua maioria, os cursos ofertados são de curta duração e muitas vezes se repetem, criando lacunas e a necessidade de adequar/sintonizar melhor as capacitações, trazendo saberes novos e reforçando alguns, sem que isso se torne repetitivo.

6 Considerações finais

Os dados apontam que as condições de trabalho dos catadores/as de materiais recicláveis apresentam diversas fragilidades e, mesmo com alguns avanços, esses trabalhadores ainda se encontram em situação de vulnerabilidade social. Dentre os desafios mais presentes, podemos destacar que a formação profissional é um tema recorrente e chave no processo de desenvolvimento desses empreendimentos e que merece mais atenção e investimentos.

Em suma, esse conjunto de variáveis ligadas ao perfil dos entrevistados, mostrou que o grupo de catadores/as está composto por uma maioria de jovens mulheres, sem outras experiências profissionais e com alguns anos de catação, o que aponta para uma mudança de perfil. Podemos dizer que hoje estamos na segunda geração de catadores/as, tendo em vista que os catadores de materiais recicláveis no Brasil têm um histórico que remota a quase meio século de catação, o que pode ser constatado no levantamento da história de vida de catadores (KEMP, CRIVELLARI, 2008 p.75). Em sua composição percebemos que tradicionalmente prevalece um número maior de homens envolvidos com a ocupação, pois, trata-se de um trabalho que exige um árduo esforço físico, geralmente exercido por homens, o que não exclui a participação das mulheres. A participação das mulheres é reduzida diante das condições do trabalho, por exemplo, um carrinho cheio pode chegar a pesar centenas de quilos, soma-se a isso que a atividade é geralmente feita nas ruas, exposta a diversas situações.

O número elevado de mulheres no campo da catação foi percebido durante a observação de campo feita em diversos empreendimentos. O que possibilita essa caracterização em Brasília é a trajetória particular das cooperativas e associações do DF. Depois do decreto 5.940 de 25 de outubro de 2006¹¹, os pequenos grupos, já existentes nas áreas de transbordo ou organizados em galpões por ajuda de ONGs e entidades ligadas a Igreja Católica, viram-se obrigados a se constituírem formalmente; em alguns espaços da cidade já era possível identificar pequenos grupos que exerciam essa ocupação há anos.

Em meio a esse novo contexto surgiram diversas associações de catadores/as que começaram com pouco ou sem nenhuma estrutura. E, devido ao processo de formação ter sido levado por uma questão de ordem burocrática e em curto tempo, vários grupos surgiram sem ou com pouca mobilização política, influenciados pela força do decreto que, no artigo 03, parágrafo I, diz que para receber o material as cooperativas e associações devem estar formalmente constituídas. Isso implica dizer que houve um “boom” de empreendimentos que surgiram com muitas fragilidades de ordem social, política e de constituição formal.

O que ameniza esse quadro, é o apoio de entidades de fomento como a FBB, MDS, BNDS, entre outros, e o apoio da Universidade de Brasília,

por meio de atividades de extensão, e da Incubadora Social. Outro fator que contribui é a organização da Central de cooperativas CENTCOOP, como ponto de articulação e captação de recursos, contribuindo para mudanças estruturais.

O bloco relacionado à formação traz provocações em alguns pontos, primeiro, ao nos revelar que ainda são poucos os estudos sobre formação em cooperativismo e associativos para esses segmentos. A maioria do material encontrado, ou de instituições que trabalham com o setor, tem suas atividades voltadas a outros tipos de cooperativas, como de trabalho ou crédito, por exemplo, e usam esses conteúdos como referência nos cursos para catadores. Isso nos leva a acreditar que a Pedagogia precisaria voltar sua atenção para a formação desses trabalhadores de modo a contribuir diretamente no processo de ensino e aprendizagem e no desenvolvimento de métodos e técnicas mais adequadas. Sobretudo, incorporando à didática desses cursos, técnicas da Educação Popular e da Pedagogia da Alternância.

Acreditamos que a Educação Popular possa contribuir de diversas formas, dentre elas, como sugere Adams (apud Gutiérrez, 1999):

A metodologia da educação popular nestes círculos de trabalho possibilita, a partir da realidade local e, alimentando-se dela, favorecer a reflexão sobre os condicionamentos que advêm do contexto mais amplo; estabelecem-se, assim, condições apropriadas e fecundas de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que essa metodologia leva os sujeitos a voltarem a atuar para enfrentar os desafios do seu cotidiano.

A Pedagogia da Alternância pode contribuir, ao ajustar o método ao tempo e ao espaço do educando, já que intercala períodos de vivências em sala de aula com outro campo (no caso em questão, o campo do trabalho); juntos, esses elementos podem facilitar a permanência e a maior adesão dos participantes.

Na análise das problemáticas envolvidas com os dados das variáveis, observa-se que ao democratizar a formação para um número maior de cooperados/associados, deparamo-nos com outro grande desafio. Tendo em vista que os cursos de cooperativismo e associativos: administração, projetos, comunicação interna, entre outros, potencializam a criação de ferramentas e de estratégias

¹¹Decreto que institui a separação de resíduos pelos órgãos e entidades da administração pública federal e destinação às cooperativas e associações.

da gestão dos empreendimentos, os quais ampliam a possibilidade de renda e dão maior transparência ao processo, torna-se de vital importância investir na socialização desses saberes, criando espaços de disseminação para o maior número de sujeitos. Dessa forma, possibilita-se o real avanço da democracia e da autogestão, rompendo com o ciclo vicioso das relações assimétricas de poder estabelecidas entre os catadores que chegaram à presidência das cooperativas e os “outros” que não.

Diante desse cenário complexo e fragmentado, a proposta que apontamos para superar as ações pontuais e paliativas, é a construção do trabalho em rede entre as entidades formadoras e fomentadoras, diminuindo, assim, o percentual de ações/cursos pouco efetivos/as, fora de contexto e repetitivos, poupando esforços e recursos humanos e financeiros. Trata-se de pensar, assim, em ações integradas para solucionar problemas em comum, a partir de uma visão mais ampla. Conclui-se que a referida proposta depende de ampla concentração de esforços e diálogo sendo imperativo que o Estado possa assumir efetivamente o papel de principal articulador e promotor da construção dessa rede. O estudo vale como contribuição na expectativa inserida na busca de inverter toda a situação complexa aqui tratada, partindo-se do pressuposto da soma de esforços.

Referências

ADAMS, Telmo. **Educação e Economia Popular Solidária: Mediações Pedagógicas do Trabalho Associado**. Aparecida, SP: Ed. Ideias & Letras, 2010.

BRASIL. Decreto N° 5.940, de 25 de outubro de 2006. Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5940.htm Acesso em: janeiro/2013.

BRASIL. Decreto nº 22.239, de 19 de dezembro de 1932. Coleção de Leis do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, 31 dez. 1932. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22239-19-dezembro-1932-501764-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: jan.2013

MELLO, Claiton, STREIT, Jorge, ROVAL, Renato (orgs.). **Geração de trabalho e renda, gestão democrática e sustentabilidade nos empreendimentos econômicos e solidários/** Organizadores. São Paulo: Publisher Brasil, 2009.

BLAS, Francisco Asís, PLANELLS, Juan (coord.). **Retos de la educación técnico-profesional**. ED. Fundación Santillana. Madri, 2010.

BARDIN, Laurece. **Análisis del discurso**. ED AKAL, Madri, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A Economia Solidária como práxis pedagógica** – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 20 09.

ISAAC, Pedro Henrique. **Análise das relações recíprocitárias em cooperativas de catadores de lixo de Brasília**. Dissertação de Mestrado. Brasília, 2007.

KEMP, Valéria Heloísa, CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi (Org.), **Catadores na cena urbana:**

construção de políticas socioambientais - Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

MILANEZ, B. **Resíduos sólidos urbanos:** panorama atual, desafios e perspectivas. In: IPEA. (Org.). Infraestrutura social e urbana no Brasil: subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas - Série Eixos Estratégicos do Desenvolvimento Brasileiro. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010, v. 6.2, p. 515-547.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações:** CBO – 2010 – 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

Recebido em: 31/01/2014

Aprovado em: 06/06/2014